

Creating introspective atmospheres: water as an architectural element

Ana Martins Francisco¹, Helder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU-FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

Abstract:

This research aims to study the presence of water in internal spaces and question its architectural meaning by identifying its properties and different capabilities in interpreting and molding atmospheres of introspection, reflection and creativity.

In today's increasingly accelerated world where the frantic pace and excessive amount of information that fulfills our senses, takes up a big part of our daily routine, we need to conquer some pauses that will allow us to get out of this accelerated rhythm, by escaping to spaces, which will receive us in their essence, providing moments of peace, meditation and connection with ourselves. In this endeavor water comes up as a natural resource that, for its characteristics and multisensorial properties, is capable of generating these kinds of atmospheres.

Water appeals to our five senses: its capacity of reflection to work as a mirror, the shine it emanates when illuminated, the sound it creates when in motion; finally, water appeals to our smell because it is a mean through which olfactory stimulus can be achieved.

This versatility permits us to work with water and to introduce it into the architectural narrative of internal spaces in very distinctive ways, exploring different meanings and atmospheres. We intend, through the analysis of two specific study cases, Alhambra and Thermal Baths in Vals by Peter Zumthor, to deepen the understanding of water as a preponderant element in the definition of quality spaces, i.e. to study its presence as an architectural constitutive element.

This research is currently underway within the master thesis integrated on Master's Degree in Architecture, at FAUP, 2017/2018, under the supervision of Helder Casal Ribeiro.

Este trabalho tem como objectivo estudar a presença da água nos espaços interiores e questionar o seu significado arquitectónico, identificando as suas propriedades e características, e interpretando de que maneira pode ser utilizada para potencializar atmosferas de relaxamento, introspecção e criatividade.

O interesse por este tema parte do desejo de estreitar a relação entre o natural e o construído, encarando estes conceitos como duas partes integrantes da arquitectura. Os espaços devem ser pensados desde o seu lado mais artificial, até à sua dimensão mais natural, porque ambos os aspectos são imprescindíveis.

Na minha experiência de visita a espaços que integram o elemento água, recordo-me de reconhecer que aquele mesmo lugar, sem ela, não teria a mesma atmosfera.

A água, pelas suas características, possui muita versatilidade, apelando aos nossos sentidos: a sua capacidade de reflectir, funcionando como um espelho, o brilho que emana quando iluminada, ou mesmo o som que cria, quando em movimento. Para além do aspecto sensorial, a água adquire uma dimensão cultural e espiritual, que se desenvolve segundo as crenças e os valores de cada tempo e de cada lugar.

Esta diversidade permite trabalhar com a água, e introduzi-la na narrativa arquitectónica dos espaços interiores, de formas bastante distintas, explorando diferentes significados e atmosferas. Através da análise de dois projectos de referência – o Alhambra e as Termas de Vals de Peter Zumthor - nos quais a água é preponderante e possui um grande protagonismo nos espaços, procuro estudar a sua presença, enquanto elemento constituinte da arquitectura.

O local onde se situa o Alhambra era propício ao seu assentamento, devido principalmente às suas qualidades geográficas defensivas. Quando Muhammed I chega ao Alhambra, em 1238, recupera a antiga fortaleza que passou a defender os aposentos reais, rodeados por um conjunto de jardins que possuem vários espelhos de água, tanques e fontes, e a Medina, a zona residencial dos habitantes.

Os jardins islâmicos têm uma função de ostentação do poder e prestígio social e, originalmente, na arábia, correspondiam a uma vivificação de um troço de deserto, criando um oásis, conseguido mediante a utilização de água, considerando-a como um bem supremo e como a origem da vida. Desta forma, diferenciavam-se daquilo que os rodeava e eram desenhados tendo em conta o lado funcional, mas também o aspecto lúdico e de prazer. Era importante que a água estivesse sempre em movimento: não só na prática, mas também simbolicamente. É essa permanente renovação que confere pureza a este elemento. Assim, a água é constantemente fresca. O desenho dos jardins não estabelecia limites claros entre a arquitectura e a natureza. A síntese dos dois elementos era o requisito necessário para a harmonia.

No Alhambra, a estrutura arquitectónica resulta da sobreposição de uma geometria regular sobre um território com uma topografia acentuada. A organização dos volumes é realizada mediante uma composição de cheios e vazios, onde os edifícios surgem pontuados por inúmeros pátios, nos quais é quase obrigatória a presença da água. Uma das imagens fortes desta cidadela é o grande contraste existente entre as paredes exteriores cegas e neutras, que não fazem prever a organização e riqueza dos espaços interiores. Como temas predominantes desta arquitectura, destacam-se: o controlo da luz; a existência de pátios interiores; os percursos intrincados e labirínticos; e claro, a presença da água, do seu som, do seu brilho e dos seus reflexos.

A fonte de água mais próxima era um rio que corria a Norte, mas a uma cota muito inferior à do Alhambra. Assim, fazer com que o rio fluísse até ao alto da montanha foi um grande desafio, imprescindível para tornar possível a construção dos jardins tipicamente muçulmanos. Primeiro foi realizado um desvio da água do rio para uma represa, a partir da qual esta era encaminhada para efectuar o seu percurso ascendente, conseguido através de noras, até ao Generalife, complexo de recolha e armazenamento da água. Este edifício está a uma cota superior à do Alhambra para que, desde aí, a água flua pela acção da força da gravidade. Um grande canal, a acequia real (palavra que em árabe significa irrigadora), distribuía a água por toda a cidade. Ao longo desse percurso, é tirado partido estético, por exemplo, através da construção de pequenas cascatas que dinamizam e enriquecem a experiência de quem as vê e escuta.

A água era um elemento essencial, a sua omnipresença, o seu som e transparência causavam um estado de relaxamento e bem-estar: nos jardins, nos pátios interiores, através de canais que percorrem os espaços, e em edifícios que não poderiam ser vistos sem considerar a existência deste elemento. É um exemplo disso, o edifício das termas, no qual a água adquire um forte carácter de purificação, que não se limita ao plano físico, adquirindo um valor simbólico e espiritual significativo, que também contribuía para dotar as termas de uma grande importância cultural e social. Da utilização da água sob a forma de canais, é exemplo o Palácio dos Leões: aqui este elemento é agregador de toda a composição, uma vez que os diferentes canais percorrem e conectam as quatro principais salas do palácio, convergindo numa fonte. Para além do valor simbólico dos canais, provavelmente associado aos quatro rios do paraíso, a presença da água no interior dos espaços, aliada aos vãos estrategicamente abertos, ajuda a regular a temperatura. Já no pátio de los arrayanes, no Palácio de Comares, pode ver-se um desenho minimalista, que articula o natural com o construído, através de formas simples: um grande rectângulo branco, no qual se inserem três mais: dois de vegetação que ladeiam um central, de água. A água multiplica o palácio pelo seu reflexo, enfatizando uma divisão horizontal, no plano do chão e, ao mesmo tempo, alongando o eixo vertical, transmite uma ideia de maior dimensão do edifício. Os reflexos e os jogos de luz/sombra produzidos pela água criam movimentos nas paredes e tectos do edifício, enfatizando as profundidades.

A forma de incluir a água, nos espaços do Alhambra, é diversificada, e está determinada pelo elemento arquitectónico que a contém, aparecendo de forma estática, por exemplo, no pátio do Palácio de Comares, mas em constante movimento, através de canais e fontes, como no pátio do Palácio dos Leões.

A água possui no Alhambra fundamentalmente três funções: é parte constituinte da arquitectura; é um símbolo espiritual; e melhora o conforto e satisfaz as necessidades de quem habita os espaços. Podemos, então, considerar a presença da água como uma síntese entre função, estética, simbolismo e fenomenologia.

O edifício das termas de Vals desenvolve-se em torno da água, proporcionando uma variedade de espaços, em que esta surge e é trabalhada de formas distintas. A água não assume só um valor prático ligado ao seu valor terapêutico, mas também um valor simbólico e iconográfico. Simbólico, na medida em que está associado às capacidades purificadoras da água, tanto a nível físico, como espiritual. Cenográfico, associado à evocação da serenidade e vitalidade de ambientes naturais. A água surge enquadrada e envolvida pela arquitectura, capaz de potencializar as suas qualidades.

A materialidade das paredes e do chão, conseguida pela utilização do quartzito de Vals, pedra encontrada na região, contrasta fortemente com a água, que a reflecte, mas que também brilha quando iluminada. A solidez da rocha e o estado líquido em que a água se encontra evidenciam-se mutuamente.

A composição do edifício constitui-se por vários módulos diferentes, que se encostam uns aos outros, deixando uma pequena fenda entre si, cada um deles com uma forma distinta e uma maneira específica de trabalhar a água, apelando diversificadamente aos nossos sentidos: seja pela maneira como esta é posta ao nosso alcance, seja pela sua temperatura, pelo seu aroma ou ausência dele. A experiência dos utilizadores dá-se pela deambulação livre entre os diferentes espaços oferecidos, nos quais a protagonista é a água.

As termas possuem duas piscinas principais: uma interior e outra exterior. A interior promove uma atmosfera mais intimista e possui uma temperatura tépida, enquanto a exterior permite uma aproximação à natureza e, em simultâneo, uma imersão em água quente. Estando na piscina exterior é possível ir para o interior do edifício através da água. À parte destes dois espaços maiores, existem outros, de menores dimensões e de características diversas, proporcionando experiências ao nível dos cinco sentidos, das quais se destacam: emergir em água a várias temperaturas, desde os 12 aos 42°C; receber massagens; beber água fresca; tomar duchas; ouvir a água a cair sobre si mesma; relaxar rodeado de água perfumada com pétalas de rosa, ou simplesmente descansar contemplando a paisagem. Destaco dois casos em que a experiência é ainda mais intensa pela forma integrada com que são trabalhados os diferentes elementos: o espaço dos banhos quentes é pintado de vermelho, uma cor também ela quente, envolvendo todas as nossas sensações, estimulando-as em harmonia, “e os olhos parecem ser mãos a sentir o calor”, refere Cláudia Patrocínio, no seu testemunho de visita às Termas de Valls, incluído na sua tese final, de 2006; o mesmo ocorre no banho frio, revestido a azul claro, “um azul claro que, normalmente caracterizado como uma cor fria, parece tornar ainda mais baixa a temperatura da água.”, descreve novamente Cláudia.

Conclui-se que é rica a experiência dos utilizadores que visitam as termas e são progressivamente surpreendidos com cada espaço que os acolhe de formas diversificadas, sendo a presença da água a característica comum a todos eles, ainda que surja de maneiras distintas.

Consideramos que, actualmente, são necessários espaços que nos permitam distanciarmo-nos da nossa rotina, que nos acolham na sua essência e nos propiciem momentos de tranquilidade, relaxamento, meditação e de encontro com nós próprios. A água surge, então, como um recurso que, pelas suas características e multissensorialidade, é capaz de fomentar este tipo de atmosferas.